Lição 13: Solução dos argumentos a favor da existência do infinito

400. Após o Filósofo ter usado a definição de infinito para explicar as coisas a ele atribuídas, ele agora resolve o argumento apresentado anteriormente (L.7) para demonstrar que o infinito existia.

Primeiro, ele propõe sua intenção;

Em seguida, ele a desenvolve, a partir de 401.

Ele diz, portanto, primeiro [271] que, depois de falar sobre a natureza do infinito, resta resolver os argumentos que pareciam mostrar que o infinito não é apenas algo em potência, como determinamos acima (L. 10), mas que estava em ato, como são as coisas finitas e determinadas. Pois alguns dos argumentos não concluem necessariamente, mas são totalmente falsos, enquanto outros são parcialmente verdadeiros.

401. Então [272] ele resolve as cinco razões citadas acima (L.7) como prova da existência do infinito. E primeiro resolve aquela baseada no fato da geração. Pois ela concluía que, se a geração não cessa, então o infinito deve existir. Ora, este argumento conclui verdadeiramente na medida em que o infinito está em uma potência que é sucessivamente reduzida ao ato. Mas não é necessário que exista algum corpo sensível que seja infinito em ato, para explicar a não cessação da geração, como supunham os primeiros filósofos quando diziam que a geração continua ao infinito, supondo que ela ocorre pela extração de algum corpo, com a consequência de que o processo não poderia ser infinito a menos que aquele corpo fosse infinito. Mas isso não é necessário: pois mesmo supondo todo o corpo sensível como finito, a geração pode durar ao infinito pelo fato de que a corrupção de uma coisa é a geração de outra.

402. Então [273] ele resolve o argumento baseado no princípio do contato, como se fosse necessário que todo corpo finito tocasse algum outro corpo e assim ao infinito. Mas ele resolve isso dizendo que uma coisa é ser "tocado" e outra é ser "terminado", porque ser "tocado" e "encerrado" são ditos em relação a algo outro, pois tudo o que toca, toca algo outro. Ser "terminado", no entanto, é dito absolutamente e não implica uma relação com algo outro, porque uma coisa é tornada finita em si mesma por suas próprias terminações. Pois é incidental ao finito que ele esteja tocando algo. No entanto, também não é necessário que tudo o que é tocado por algo toque algo outro e que isso prossiga ao infinito. Portanto, é evidente que este argumento não conclui nada de necessário.

403. Então [274] ele resolve o argumento baseado no intelecto e na imaginação, esta última que os antigos não distinguiam do intelecto. Este argumento acima (L.7) concluía que havia fora do universo um espaço infinito e, consequentemente, um lugar e um corpo. Mas é incorreto "confiar no pensamento", isto é, acreditar que tudo o que é apreendido pela imaginação ou intelecto é verdadeiro, como pensavam alguns antigos, cuja opinião é refutada na *Metafísica* IV. Pois, se eu apreendo uma coisa como menor ou maior do que ela é, não se segue daí que haja tal abundância ou defeito no objeto em si, mas apenas na apreensão do intelecto ou da imaginação. Pois alguém poderia entender um homem como um múltiplo de si mesmo, isto é, duas ou três vezes maior do que ele realmente é, ou qualquer outra quantidade ao infinito; no entanto, não haverá por causa disso uma multiplicação correspondente dele fora do intelecto ou fora de uma quantidade ou magnitude definida.

404. Mas, enquanto uma coisa permanece o que é, pode-se concebê-la de tal maneira. Então [275] ele resolve a dificuldade baseada no tempo e no movimento. E ele diz que o tempo e o movimento não são infinitos em ato, porque nada do tempo é atual exceto o "agora", e nada do movimento é atual exceto uma espécie de indivisível. Mas o intelecto apreende uma continuidade no tempo e no movimento ao apreender uma ordem de "anterior" e "posterior", de tal modo, no entanto, que o que foi tomado primeiro no tempo ou no movimento não permanece no mesmo estado. Portanto, não é necessário dizer que todo o movimento é infinito, ou que todo o tempo é infinito.

405. Então [276] ele resolve o argumento baseado na magnitude, e ele diz que a magnitude não é infinita em ato, seja como resultado da divisão ou de um aumento inteligível, como é evidente pelo que foi dito acima (L.8-10).

Finalmente, ele resume dizendo que completamos nosso estudo sobre o infinito.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:57:09 by Admin
Updated 1 October 2026 23:42:17 by Admin